

Comércio da Povoada de Vaurum

JORNAL REPUBLICANO E DEFENSOR DOS INTERESSES LOCAIS E O DE MAIOR CIRCULAÇÃO NO CONCELHO

Director e editor—Manuel A. Frasco

Redacção administração—Praça da República

Propriedade de Frasco & Companhia

A lei da reacção do Ocidente

Vale a pena insistir; a Alemanha é hoje o grande fulcro da política da Europa. Está em jogo uma civilização; e se a última guerra a tomarmos como lógica consequência da evolução do sistema capitalista e fruto de uma filosofia que criou o nosso tipo social e a relação entre os povos por que eles, no momento actual, se identificam e giram segundo os seus interesses fundamentais, temos de constatar que a Alemanha, vítima dessa guerra, só pode regressar a si própria pela própria guerra — o que não cabe muito bem no domínio de todas as hipóteses demasiado frágeis perante as circunstâncias por que o ritmo social se vai impondo hoje.

As leis económicas, essas mesmas — e essências — contrariam-lhe todos os movimentos e o paradoxo de uma Europa burguesa não permite à própria Alemanha a linha geral de um estado de coisas que se acondicione à própria civilização em jogo. Ela vai de insucesso em insucesso — moral e economicamente. O hitlerismo — tipo de fascismo alemão — vive já do irreal. Hitler, quando não toma, inteiramente, o alto cargo do falecido Hindenburg, mostrou simplesmente não ter nem confiança em si nem no seu povo pelo ambiente moral que isso produziria. Serviu-se de uma simples habilidade. Ora todo o homem público começa a declinar no momento em que à sua política empreste um teorismo de prestígio que sofre discussão. E a sua queda torna-se vertiginosa. A falta de traço de união entre o falecido Presidente, símbolo de uma amargura geral que a guerra trouxe ao povo germânico e que mantinha, na sua figura severa, o simbolismo de uma heróica inutilidade — essa falta de traço de união com Hitler já por si representa um declive que não está à altura de um homem que pretende uma reforma total e a quem se pretende emprestar uma sabedoria quasi divina. E' mesmo um estado desolador. Ora esse traço de união não existia entre os dois homens por motivos diversos, mas suficientemente fortes.

Toda a gente o sabia. A falta de coragem moral de Hitler para substituir, integralmente, o velho Marechal, identificando-se muito artificialmente com uma posição política de definição suspeita, viciada e defeituosa, torna-se alarmante, apreensiva mesmo, quando se abre um pretenso testamento político do falecido presidente. Testamento esse que não condiz em nada com as realidades, testamento esse que se torna tão suspeito quanto mencionada, singularmente, a política de Hitler. . .

Este mistério, na vida do na-

zismo, é arripiante e decisivo. Só as almas ingénuas ou as inteligências simplórias não deixarão de sentir ou de pensar. E torna-se grave o estado moral de um povo de que se abusa da sua tragédia implacável. . .

Compreende-se, de resto, o delírio. . .

Tudo quanto se queira justificar ou acondicionar não fará nunca abdicar o juízo dos homens do destino certo, natural, das coisas da vida e do tempo. Já não é possível, ao mesmo tempo, justificar a Alemanha com a mentalidade alemã porque mesmo esta assiste como crítico ao seu próprio destino e nós sabemos bem que essa mentalidade, ainda que exista em parte, está em luta aberta com a própria agonia. . . precisamente porque reage. . .

Nestes termos, sem o regresso lógico que só poderia dar-se afinal por circunstâncias que não são legítimas, nós não podemos divisar o futuro da Alemanha sem termos um conhecimento das leis por que ela, de facto, se rege no âmago da sua tragédia. Dir-se-ia que, frete ao Mundo inteiro, ela representa um incêndio já isolado por completo e, portanto, que terminará — que se apagará.

A Austria — que se deveria tornar o seu grande fogacho incendiador e fulcro de uma lei histórica que se sistematizasse — tê-la isolar de vez.

Pode enunciar-se que a Austria pertence, agora, à Europa. . .

E no encaço de uma nova ofensa, a que só poderia tornar-se violenta, a Alemanha já não pode encontrar em Viena um pretexto igual ou semelhante a aquele que fez desencadear a guerra de 1914. A Alemanha torna a ser vencida. Nem pelo próprio caminho da Paz ela poderá encontrar uma plataforma digna das suas necessidades económicas e espirituais. Ela teria, positivamente, que modificar-se totalmente.

Podemos concluir, fazendo o paralelo do prefácio da Guerra de 1914 com o estado geral das coisas de hoje, que a Alemanha perderá 2.ª guerra.

Assim a Alemanha — decerto em breve, (basta que a crise se accentue, o que deve dar-se, alarmante, em 35/36) — tomará novo quadrante. E é aí que a Europa retomará o seu equilíbrio.

Em que consiste a sua evolu-

ção, quer lenta quer vertiginosa?

Não o podemos estudar no modestíssimo âmbito de um artigo escrito com brevidade. Mas paremos — ou, melhor, estamos convencidos — de que esse equilíbrio é função da lei de reacção do Ocidente — do Ocidente que venceu a guerra capitalista, dos povos que conheceram a Renascença e cujo humanismo fixou raízes profundas, históricas, que pertencem ao domínio da psicologia e têm consequências graves e decisivas no positivismo, no socialismo, no individualismo e abriram, através a época liberal, grandes horizontes como obtiveram largos benefícios que se espalharam pela classe intelectual, pela pequena burguesia e pelo proletariado. Está aí, sem dúvida alguma, o segredo dos tempos futuros sobre os quais, portanto, exercem pressão o espírito e a cultura ocidentais vinda de paizes que mantêm hegemonia espiritual decisiva como a França, a Inglaterra, a Espanha, a Bélgica, a Polónia, etc. . . e depois Portugal. Paizes estes que, por leis de espirito e talvez mesmo económicas (se conseguirem manter certos coeficientes. . .) são naturalmente, psicologicamente rebeldes ao fascismo e ao comunismo como absoluto tipo de socialismo integral, ao mesmo tempo que a sua política é mantida pelo esforço intelectual avisado, prevenido, das classes médias e de um proletariado que confia naquelas — que são o seu traço de união — o que já não acontece ou aconteceu na Rússia e mesmo na Itália onde a ausência da pequena burguesia, permitiu os dois tipos de colectivismo, um mais lógico porque é a resultante de uma lei económica da qual se tem conhecimento e, à qual, se opõe uma lei científica, e outro apenas uma defesa que adota um caminho que é tanto perigoso quanto semelhante ao primeiro no método, mas em impossibilidade na execução primordial porque está afectado pelo natural conflito de antagonismos económicos.

Eis mesmo o destino político e social destes dois paizes como a definição mais rigorosa e mais exacta de valores que se entrechoam e que se identificam: onde houve incremento social e um fundo histórico perfeitamente visível, esses valores evoluíram ou tendem a evoluir naturalmente;

onde aqueles dois fenómenos não se deram porque esses paizes representaram apenas o domínio histórico de uma classe e quizeram mantê-lo com insistência (domínio da aristocracia, do militarismo e regimes monárquicos de fundo histórico arcaico), o limite para que ambos tendem é semelhante e apenas uma circunstância vária os assemelha, um quebrando todas as resistências e o outro acondicionando bases que se contradizem, afinal, e que não se ajustam, portanto.

Eles representam, de facto, uma verdade histórica. São ao mesmo tempo uma lei que se impõe, mas um, embora errado ainda o destino, não deixa de dar a conhecer, de facto, o valor da reacção do Ocidente que não sendo precisamente um coeficiente de segura indicação, é apenas um índice dessa lei, a que, ocidentais, obedecemos.

Porque a reacção do Ocidente, a caminho de paráguas novas, mais belas e mais humanas, só é lei onde também a evolução foi primeira e anterior — evolução que criou, teve incremento e tomou ritmo, e não onde simplesmente os valores giraram num mesmo plano. E', portanto, nos paizes onde a Renascença deixou benefícios e deixou consequências que essa lei se encontra e não naqueles onde existe o erro da falta desse próprio movimento e cujo paralelismo, quando os tornamos complementos um do outro, nos explica essa própria lei de reacção que se vai conhecendo já. E' nessa lei, decerto, que mais alto se tornará o Espírito e que a Economia à face da sabedoria de hoje — girará, embora audaciosa, sobre os simples e ajustados planos da complicada técnica.

Tudo o resto é vário e inconsistente. Simples produto de uma inquietação mal conhecida, que, às vezes, mal aproveitada e querendo buscar aos outros aquilo que em nós não é histórico, evolutivo nem compatível, apenas nos pode servir como rendimento moral, ensinando nos a lazer, com decisão e autoridade, o que, uma vez, insufficientemente tôra feito.

Começar aí também a nossa própria lei. Pertenceremos então, de facto, à Europa e ao Ocidente — digamo lo assim — atingindo as paragens da nova civilização, através de Repúblicas populares e dinâmicas.

A. S.

Casa em Balasar

Aluga-se num ótimo sitio e a dois minutos do apeadeiro.

Falar na rua Almir R. 15/28.

Crónica Póvoira

Sempre que entro na Póvoa, tenho a grata sensação de visitar um solar amigo onde todos os que nele vivem acorrem, em alegre alvorôco, a oferecer-me a galão tranqüilo e romancoso. Dou-me até, pela efusão do acolhimento, à doce ilusão de julgar-me filho pródigo na hora feliz do regresso à casa dos meus maiores.

E tudo me encanta! A firmeza das boas e generosas amizades que tive a ventura de, há longos anos já, criar nesta adorável terra e a pulcra garridice de que ela, incensantemente, se reveste para atrair e prender, cada vez mais, gentes de outras regiões.

Este encantamento é apenas quebrado na hora recolhida em que penso nos muitos amigos desaparecidos.

E são tantos já aqueles que a hedonista Parca roubou a nossa convivência!

Neste momento recordo, por viverem na minha saúde: o dr. João Campos, grande médico e grande carácter, o padre José Lino, sacerdote e professor exemplar, o moço dr. Castro Bicho, médico que tinha diante de si um futuro ridente, que a sua inteligência e civismo asseguravam; o bondoso António Monte-negro, professor que soube enstnar com a mesma devoção e carinho com que, depois de reformado, amparava as crianças pobres trazidas à Póvoa pelos organismos da assistência pública e privada; o André, de Abre-mar, tão devotado ao bem da sua aldeia; o dr. Caetano Marques d'Olveira, todo boas maneiras e entranhada amizade pela sua dama — a Póvoa; o Quim do Cano, como todos afectuosamente chamavamos ao desventurado Joaquim Martins da Costa Júnior, póveiro de actividade dinâmica e belo coração; Nicmuel José Martins, Joaquim Martins da Costa, Firmino Teixeira, três velhos amigos que eram prototypos da bondade e da honradez; Abílio Fontainha, tão novo e bondoso, cujo olhar claro denunciava uma alma pura e uma inteligência viva.

Finalmente, o dr. António Silveira, grande tribuno e grande coração, que a morte nos levou há cerca de um mês.

Estou a ver este querido amigo, que tanto me distinguia com a sua affectuosa sístima, levantar-se na tribuna parlamentar e fazer a sua estreia, tendo endexas à sua Póvoa e cantando hinos de gloria às virtudes póveiras.

Há 30 anos!
Mal iniciou o seu discurso despertou imediatamente a atenção de toda a Câmara, que, dai a pouco, estava presa do seu verbo tribunicio. Justiça de conceitos, beleza de imagens, diphão impecável e fácil verbosidade, tudo concorria para o imber à alta consideração que rapidamente conquistou.

As contrariedades da política, primeiro, e mais tarde a falta de saúde, bem cedo reduziram, porém, a sua actividade social, com sincero desgosto de todos quantos conheciam o seu alto valimento, especialmente da Póvoa que elle adorava com extremos de filho amantissimo.

Outros amigos mais, além dos mencionados, tenho aqui perdido nos últimos tempos, e sua memória, como a de todos, pelo bem que me quizeram, evoco sempre com infinita saudade.

No rápido passeio matinal que ontem dei pela praia, pude rever algumas caras amigas que em tempo me daram assento para desenfadadas e inofensivas crónicas póveiras. Algumas apparecem-me mais sisudas, embora nada tenham perdido da sua beleza, outras denunciaram nos seus vincos a maldade do tempo que não perdoo a quanto se faça sem a sua colaboração e apraz se em demonstrar que decorre incessantemente.

Lobriguei por exemplo, S. G., rodeado de netos, muito garrulos, a desmentir os 39 anos em que elle há uma vintena anda a fixar a idade que tem. Cumprimentei também aquele excelente V. d'A., de Braga, ao lado de uma interessante senhora, sua mulher, que empurrava alegremente um carrinho de bebé...

Determinações

Cidade do Vaticano, 28 — O Papa deu instruções aos bispos e cardeais espanhols que neste momento se encontram em Roma, para fazerem no seu país praticas no sentido de reconciliar a união de todos em torno da Republica que devem acatar. H.

Estas determinações, estão certas, certissimas mesmo. O que nos resta é vê-las cumpridas por todos aqueles que mais obrigação tem de as acatar.

A FALTA DE SINALEIROS

Nota se, principalmente nesta quadra do ano em que a nossa Praia é visitada diáriamente por dezenas de auto-nóveis e camiónetes, a falta de policías-sinaleiros no cruzamento das nossas praças e avenidas.

Esta falta devia ser remediada urgentemente, porque se evita-va-n desastres que se dão continuamente no cimo da Avenida e ainda porque êsses sinaleiros indicavam aos condutores dos carros que pela primeira vez nos visitam, os pontos que desejam vêr, evitando-os de andarem às «aranhas».

Ficamos certos de que o sr. administrador do concelho tomará sobre este caso as necessárias providências.

Vi ainda a senhor. A. E. C. do Porto, que em solteira atrata as atenções gerais pela sua distincção e galanteria e hoje faz a feicidade do lar do meu amigo M. C., revendo se em dois lindos bambinos, que os acompanham saltitantes.

— Se me detenho mais longamente na Avenida dos Banhos haviam de surgir mais caras connectias a demonstrar-me que também eu — ai de mim! — já não posso, como o meu querido amigo S. G., ser acreditado nos 40 anos em que, para uso externo, persisto fixar a minha idade.

Refugiei-me no Chilez, onde me acantonei, para não ser visto e ver alguma coisa.

Mal transpuz aquele recanto de oriental decoraçào veio ate mim o velho propugnador dos interesses do Douro, o grande advogado Ant. de Carv.

O mesmo espirito juvenil dos aureos tempos em que o fogoso tribuno descia da alcantilada região transmontana até ao Porto e Lisboa, para defender a Democracia e a República.

Quando se nos deparam homens da envergadura deste rapaz de 70 anos, senti-se um invencível desdem por certos meninos que proclamando ser esta a hora dos novos, menosprezam os homens de saber da experiencia felta, confundindo, lamentavelmente, novos com garotos.

— Quando começava a «embarar», para maior tirada, vem o implacável Agonia Frasco dizer-me com ar agri-doce: Termine! termine... Seja feita a sua vontade.

POVEIRO ADVENTICIO

Sob os ciprestes

Manuel Ferreira Barbosa

Depois dum sofrimento atros, succumbiu na manhã de quinta feira na sua casa da rua Ferrer, o estimado cortador de carnes verdes e nosso pre-sado amigo sr. Manuel Ferreira Barbosa.

No seu funeral efectuado na tarde de ontem tomaram parte muitos dos seus numerosos amigos e de sua familia.

Sentindo o falecimento do nosso querido amigo apresentamos à familia enlutada, nomeadamente a s. ex.^{ma} viuva e filhos, os nossos amigos srs. Angelo, Viriato, José e Edmundo Ferreira Barbosa, o nosso cartão de sentidas condolências.

João Constantino

Na madrugada do mesmo dia, faleceu na casa de sua residência à Rua Paulo Barreto, o sr. João Pereira da Silva Constantino, industrial de padaria.

O seu cadáver foi trasladado para a igreja das Dores de onde se realizou no dia immediato, o funeral para o cemitério.

A sua desolada esposa, filhos e demais familia enlutada, apresentamos sentidissimas pêsames.

CASAS

Vendem-se duas juntas, na Póvoa de Varzim o melhor situadas. Tratar com João Ribeiro Pontes, solidador.

Caminho de Ferro do Norte

Recebemos há dias nesta redacção o «Caminho de Ferro do Norte Ilustrado», edição da Guia horária da viação acelerada e patrocinada pela Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte.

E' um belo trabalho que honra sobretudo os seus editores que num esforço digno de louvor põem os turistas diante dum sem número de fotografuras das localidades servidas pela Companhia do Norte.

Sobre a nossa Praia publica um artigo do sr. dr. Vasques Castafate e insere várias fotografias das nossas principais artérias, de costumes e ainda das freguesias de Laundos, Amorim e Rates.

Agradecemos muito reconhecidos o interessante exemplar que se dignaram oferecer-nos.

Praça do Almada

Os arruamentos e passeios da Praça do Almada vão ser pavimentados com «Terolias» produzto da Shell.

Magnífico melhoramento que todos bendirão, e melhor quando elle se puder estender a toda a vila.

NAQUELE TEMPO...

Do «Comércio da Póvoa de Varzim» de 18 de Agosto de 1904.

☒ Mercê da patriótica campanha que a Imprensa local fez a favor das festas d'Assunção, estas, este ano, atingiram a maior culminância. A não ser assim cremos que a Irmandade da Lapa estava no firme propósito de continuar a traçar da mesma festa e a ludibriar a nossa espectativa, allegando a desculpa costumada de não haver dinheiro!

☒ O Garrett inaugura no próximo dia 24 a época teatral com a peça «Algrias do Mar» levada à cena pela esplendida companhia Adellina Abranches.

O Lisbonense tem funcionado todas as noites e em todas elas tem registado fenomenais enchenes. Para hoje está annunciada a peça «O casamento de Ntiouche».

Na última segunda-feira inaugurou-se o teatro barracão do parque Suisso onde foi ouvido com agrado o apreciado artista português Cesar Nunes.

☒ Atingiu o máximo apogeu de brilhantismo a regata promovida por um núcleo de rapazes desta vila. O 1.º prêmio foi conserido ao barco «Santos Graça», tripulado por Francisco Melro, Vicente Nogueira, António Gomes Amorim, Alfredo Gonçalves e Fernando Areias. O 2.º prêmio foi ganho pelo barco «David Alves», tripulado por José Cadilhe, José Eduardo Pinheiro, João Borges Trocado, Manuel Ribeiro Pontes e Francisco C. Rojão.

☒ Comunicado — António José Gomes, regente da banda de música desta vila, vem declarar ao público que só por um lamentável descuido é que a sua banda executou algumas valsas durante a missa celebrada em occaso de graças pelo restabelecimento do sr. Dr. João Pedro.

O verniz da civilização

Nesta época de mutações constantes, em que o transformismo político se opera dentro dum cadinho de surpresa e actua à mercê dos mais imprevisíveis acontecimentos, parece confirmar-se o princípio defendido por alguns tratadistas de filosofia social e biológica de que «a ciência objectiva não tem piedade», não tem entranhas; disseca tudo e não conhece beleza», segundo nos afirma Félix Le Dantec, no seu livro prodigioso: O Egoísmo.

De facto à anos a esta parte nós temos assistido a fenómenos de tam dura realidade de tam gélida e cruelíssima consumação que nos obriga a acreditar na feroz certeza daquele judicioso conceito de filosofia científica.

Os sentimentos de piedade e de mútuo respeito, entre os homens, pela vida de cada cidadão, encontraram-se como que num período de estagnação, numa fase de entorpecimento que, por vezes, causa certo e justificado pavor.

Houve uma época de fanatismo civilizador, ou com características pagãs ou debaixo dum rigorista doutrinarismo religioso, em que a fórmula de impor obediência e respeito ao adversário consistia no uso brutal e implacável da força, declinando para o exterminismo individual criminoso e violento, de selvagem canibalismo.

Este sistema de governar sociedades tinha, fatalmente que succumbir ante a dealbante irradiação, a clara e vibrante chama dum a ideologia humanista, dum *modus faciendi* mais em harmonia com os nobres princípios de franca solidariedade entre os povos de aberta igualdade de direitos, de sincera equidade de obrigações e deveres entre as gentes.

As diferentes etapas da História Antiga, descrevem nos o barbarismo, então em voga, que os vencedores applicavam aos vencidos como condicionalismo fundamental para assegurar a estabilidade terrorista do seu impiedoso absolutismo. E, para cúmulo de maior desgraça, o predomínio temporal andava indissolúvelmente concatenado com o poder espiritual, dinâmica de assombrosa potência que trazia as consciências oprimidas e terrificadas com a ameaça da força divina, com as penas infernaes do além da vida.

O prolongamento de seu elhante obscurantismo foi se eclipsando com o decorrer dos tempos, com as descobertas científicas, com modernas teorias filosóficas, com a applicação governativa de doutrinas mais humanas, mais suaves, mais dignas, mais honrosas no respeito pelos direitos do homem.

A vida social e colectiva tomou novos aspectos, principiou a orientar-se segundo uma tábua de preceitos unânimemente aceites, colorida por um verniz de civilização moderna, como que afastando para a mais profunda camada geo-

lógica o primitivo homem das cavernas, o troglodita ferocíssimo da mais abjecta inferioridade moral.

Mas, a despeito disso, parece que nem todos os povos, ou talvez, mais apropriadamente, nem todos os homens, perderam, neste imenso espaço que nos separa das tribus primitivas, a fera capacidade de fazer mal, os ímpetos hediondos e devoradores existentes na estrutura biológica desses seres, monstruosos, afinal.

Como lógica seqüência desta análise observativa, poderíamos citar um verdadeiro himnário de exemplos, uma ampla aluvião de factos, uma agulha serrana de tam-malha altitude que penetrasse às regiões da estratosfera. Seguindo a série, quasi sem conta, de tantas e tantas provas de substancial verdade que comprovam a conclusão arrancada a factos consumados com uma eficiencia tam certa como uma regra aritmética e tam firme como as pirâmides egípcias, não temos precisão de recorrer ao passado nem de rebuscar as cinzas esquecidas e frias

que os túmulos atestam e os anais descriptivos registam.

Recentemente o véu de civilização, o manto que cobria, numa apparencia de falsa beleza, certos homens, ou certos povos, rompeu-se, com estrondo, num gesto de atroz ferocidade, de horrendo terror nas execuções bárbaras que o nazismo hitleriano cometeu, e no assassinato cruelíssimo que feriu e aniquilou, para sempre, essa figura da história austriaca, essa vítima dum crime monstruoso que foi o chanceler Dolluss.

Tem razão Felix Le Dantec na sua sábia afirmativa de profundo psicólogo, de observador metucioso, de exato analista.

Na realidade se prova que, ante determinada e estudada finalidade, em presença dum fim a atingir, na perspectiva dum objectivo em vista, não existem obstáculos que se não vençam, redutos que se não ultrapassem, trincheiras que se não avancem.

O desejo, a ansia, a ambição de chegar—seja porque processo for—a um ponto em mira, cala todas as conveniências, esquece todos os preconceitos, relega para um plano secundário tudo, tudo que se lhe oponha.

E' certo: «a ciência objectiva não tem piedade, não tem entranhas...»

ARTUR RORIZ

AGOSTO

Calendário Histórico

Dia 1

1492—Colombo descobre o continente da América.

Dia 2

1802—Napoleão é proclamado consul vitalício.

Dia 3

1645—Primeira e memorável vitória dos portugueses contra os holandeses em Pernambuco.

Dia 4

1578—Batalha de Alcácer-Kibir, em que morreu D. Sebastião com a fina flor da gente portuguesa.

Dia 5

1587—Os de Ceilão, revoltados contra os portugueses, acometem a cidade de Colombo; mas são derrotados.

Dia 6

1221—Morre S. Domingos, inventor da Inquisição.

Dia 7

1830—Data da nova carta constitucional da França.

Dia 8

1511—Afonso de Albuquerque ataca, pela segunda vez, a cidade de Malaca, assehorando-se dela.

Dia 9

70—O templo de Jerusalém é queimado pelos romanos.

Dia 10

1506—Tristão da Cunha descobre a ilha de S. Lourenço ou Madagascar.

Dia 11

1161—Instituição da ordem de Aviz.

1649—Morre João Pinto Ribeiro, aquem se deve a Revolução Vitoriosa de 1640.

Dia 12

1530—Tomada de Floreça pelo imperador Carlos V.

Dia 13

1556—Os piratas franceses, ligados com os selvagens, põem em grande aperto os habitantes da provincia do Rio de Janeiro.

Dia 14

1385—A célebre batalha de Aljubarrota.

Dia 15

1517—Fernão Peres de Andrade descobre o vastíssimo império da China.

1618—Salvador Correia de Sá restaura a cidade de Luanda e Angola, no dominio dos holandeses.

1769—Nasce em Córsega, Napoleão Bonaparte.

Comandante Penteadó

Encontra-se na nossa Praia a passar o mês de Agosto, com sua ex.^a esposa, o nosso muito querido amigo sr. Comandante Francisco Penteadó, mestre Professor da Escola Naval e ex Governador de S. Tomé e Príncipe.

O «Comércio» apresenta a s. ex.^{as} os seus affectuosos cumprimentos de boas vindas.

OFICINA DE PINTURA

ARTE DECORATIVA

de H. Pereira de Moura

Encarrega-se de todos os trabalhos de pintura, tanto no Porto como na provincia. Pintura de prédios, tabeletas, letreiros luminosos, painéis a óleo e trabalhos a ouro e prata. Censerta-se leuças antigas e outros objectos de valer estimativo.

957, R. Fernandes Tomaz, 959
32, R. do Estevão, 34
PORTO

Residência:
POVOA DE VARZIM.

Alfredo Pinto

Desde há dias que se encontra entre nós com sua ex.^{ma} família, o nosso querido amigo sr. Alfredo Pinto, que na capital está sempre pronto a bem servir os povereos e a Póvoa nas suas pretensões.

O nosso querido «Poveiro Adveticos», tem sido muito abraçado por todos os seus numerosos amigos que folgam por o verem de ótima saúde.

Receba o sr. Alfredo Pinto também o abraço franco e sincero de todos os seus amigos do «Comércio».

No Casino Poveiro

Na noite de hoje realisa-se no monumental Casino Poveiro mais uma festa que há de de marcar como todas as que ali se têm realizado.

Trata-se do «Baile das chitas», organizado pela direcção do Casino, para realce e louvor às chitas portuguezas, sendo distribuídos vários prémios aos vestidos mais originaes.

Caição

A Póvoa dá uma nota chic, agradável, com a caição e pintura das frontarias dos prédios e muros. Andou bem a Câmara publicando o edital sobre o assunto; andaram bem os proprietários em cumprir o seu dever.

Resta verificar aqueles que o não fizeram e multá los sem dó nem piedade—para que não se fiquem a rir de tudo e de todos.

Em diversas terras este dever cumpre se à risca; e não são apenas as frontarias que se caíam: são também os outões, o que dá a essas localidades uma beleza extraordinária.

CASA

Vende-se uma com 1.^o andar na rua 1.^a de Maio n.^o 27 com bom quintal e ramada e é alodial. Preço barato por motivo de partilhas.

Tratar com José António Alves Pontes—Barridos.